"PISADAS NA AREIA"

por

Leonardo Hutamárty

com revisão e colaboração de

Arthur Buendía

E-mail:
leonardohutamarty@hotmail.com
hurtamate@gmail.com

Copyright © 2018 Leonardo Hutamárty

ASIN: B079JZ8HZN

STORYLINE

Após descobrir portar um câncer terminal, um homem caminha por uma praia e é assassinado por um morador de rua.

SINOPSE BREVE

Um homem vive atormentado após ser diagnosticado com um câncer terminal. Em busca de encontrar algum sentido que lhe conduza a vida, ele se deixa delirar e se envolver em curiosas desavenças com desconhecidos, a culminar à própria morte.

(CONTINUED)

SEQUÊNCIA 01

CENA 01 - POUSADA À BEIRA DE UMA PRAIA; EXT. DIA

O protagonista está sentado em um banco de concreto de uma pousada. À beira da praia, o seu aspecto é pálido e com olheiras. Ele fuma e olha para o chão. Um mendigo surge de repente ao seu lado, senta-se e o encara.

PROTAGONISTA
Qual é a tua? Cigarro né? Sempre é!

O Mendigo aceita o cigarro, mas não o acende.

PROTAGONISTA
Não tem fogo não? Começou a fumar ontem foi?

O protagonista acende o cigarro do Mendigo que, ao lado dele, ainda permanece em silêncio.

PROTAGONISTA
Começou ontem também né? Eu quase isso. Sete dias fumando cigarro. Sete dias que eu sei... Começou depois de um diagnóstico. Não faz diferença. Eu estava cuspindo, tossindo... Descobri que tenho câncer terminal.

Fora de sequência, o Protagonista cai no chão de areia, um toque intenso enfatiza o peso dramático da última palavra que é citada.

O Mendigo encara o Protagonista intensamente, e vai embora sem dizer uma palavra.

CORTA PARA:

O Protagonista em pé, contemplando o horizonte, percebe o retorno do Mendigo. Ambos se aproximam, mas é o Protagonista quem o chama.

PROTAGONISTA
Ou?! Como é que tu consegues viver assim na miséria? Sem nada! Sem comida, sem trabalho, sem higiene, sem dinheiro. Você não tem raiva desses que passam por aí empinando o nariz? Por que não se revolta com a sua própria miséria?

O mendigo o encara no fundo dos olhos novamente e responde.

(CONTINUED)

MENDIGO
Que miséria?

O protagonista dá às costas.

CENA 02 - BEIRA DA PRAIA; EXT. DIA

O Protagonista caminha à beira da praia. O Mendigo segue os seus passos com uma faca na mão, chega às suas costas e lhe dá uma apunhalada. O Protagonista solta um grito de dor, se ajoelha no chão, olha para o alto e abre um profundo sorriso. Começa a gargalhar alucinadamente, agoniza e embola sobre a areia e a onda. Em seguida, deixa de se mexer e morre. O Mendigo revela então um sorriso sádico, olha para frente e o mesmo Protagonista está também de pé, fumando ao seu lado.

PROTAGONISTA (OFF)
Perene filho da terrível existência, do átomo empobrecido e da qualquer desgraça divina, a sua benevolência deriva do medo, como fosse ela de um lírio ao peito. E ao longe, à miragem, residem aqueles que olham com espanto negro o que há em nós de tristeza e cansaço. Não sinto medo! Mas o conforto de uma profundeza, como uma substância. E sou parte de tudo que amei, e tudo se desvanece como a onda rala sobre as areias finas.

SEQUÊNCIA 02

CENA 03 - PRAIA; EXT. DIA

Uma onda faz borbulhas de águas transparentes, a areia da praia é pisada por um pé descalço, forma-se uma pegada, o Protagonista caminha sem que haja um destino aparente. Contempla a paisagem, sente a onda molhar os pés, e toca às águas. O mar tem uma calmaria admirável, um horizonte se mostra denso e melancólico. Fora de sequência, o Mendigo se reverte na cena em que comete o homicídio, caminha para trás.

PROTAGONISTA (OFF)
Travento caminhante sobre as areias mil. Prazer pisar o chão e experimentar a onda puxar a areia. Um tanto de sol e de sal acalenta
(MORE)

PROTAGONISTA (OFF) (cont'd)
as ânsias. As dores que se nos mostram em outros. Viril necessidade de mergulhar e planar às águas movediças. Essa ânsia que se revolve no ritmo das ondas. Ser criança e imaginar o que a água esconde em suas costas. Um dia a morte. O fundamento. O lugar onde se assenta a finitude e o indefinido. Tessitura de um tempo, escultor da natureza. E tudo desfia, se desfaz.

SEQUÊNCIA 03

CENA 04 - FUNDO DO MAR; IMAGENS DE ARQUIVO

Nas profundezas de um oceano vagueia formas múltiplas de vida. A natureza dos corais é turva como um sonho. Uma tartaruga marinha plana às ondas, se alimenta da grama, emerge às águas para o respiro e salda a própria longevidade com um movimento de sua nadadeira.

CENA 05 - BEIRA DA PRAIA; EXT. DIA

Um banhista aparenta afogar-se no mar, se debate em meio as ondas e pede socorro. O Protagonista se encontra sentado na areia, assistindo com frialdade o início de um afogamento.

BANHISTA
SOCORRO!!!

O Protagonista sequer se levanta de seu canto, não demostra nenhuma emoção, nenhuma preocupação, nenhuma importância.

PROTAGONISTA (OFF)
Acompanhado por essa condenação ao pó, tudo se me refaz tão claro. Como que entregue aos asnos é a morte, mas um cabimento herdado aos que não merecem tê-lo é a vida!

O Banhista se salva por si mesmo de seu próprio afogamento. Arrasta-se na areia, tosse e cospe a água salgada, depois se ergue e caminha em direção ao Protagonista para cobrar-lhe uma satisfação.

BANHISTA
Qual é a tua, cara?! Eu quase que me afoguei ali... Você não viu?

PROTAGONISTA
Vi sim, percebi!

O Banhista dá às costas e parte com o aspecto de revolta.

PROTAGONISTA (OFF)
Pois, que deveria ser a verdadeira relação com a vida, senão encará-la a frio?

PROTAGONISTA
Ei, espera, espera, espera, espera!

PROTAGONISTA (OFF)
E encarar a frio o que somos?!

O Protagonista solta um movimento súbito de seus membros, expressa atordoamento num olhar arregalado, se levanta de seu canto, acompanha o Banhista que partira e o machuca com um inesperado soco no rosto.

PROTAGONISTA (OFF)
Ora, aquele que não teme a vida, antes não teme a morte.

O Banhista pende, mas não cai. Olha de forma espantosa para o Protagonista, como quem busca um entendimento. Não o encontra, o Banhista então revida, soca com imensa violência o rosto do Protagonista. O Protagonista cair na areia, bate com forte impacto a cabeça, e o seu nariz sangra. Face a face com a terra, inicia um choro, um lamento. E solta um forte sopro na areia na qual encara.

SEQUÊNCIA 04

CENA 06 - PRAIA; EXT. DIA

O Mendigo almoça sentado na areia da praia, o Protagonista passa à sua frente, o Mendigo então lhe solta um grito.

MENDIGO
Ei! Me arruma aí cinquenta centavos... Pra eu comprar meu café!

O Protagonista se aproxima do Mendigo e olha com atenção para a sua marmita quase vazia.

PROTAGONISTA
Você já tem o suficiente!

O Mendigo se levanta do chão e chega mais próximo.

MENDIGO
O que você disse?

O Mendigo começa a falar qualquer coisa para que convença o Protagonista a contribuir com algum dinheiro. O Protagonista olha em seus olhos, mas não presta a atenção às suas palavras.

PROTAGONISTA (OFF)
Que vale mais esta versão da miséria se o todo é miserável? Mal sabe que o invejo só por não ser eu.

MENDIGO
Ô irmão, véi, Deus te ama, sabia disso? Ele morreu na cruz pra que a gente tivesse vida eterna... E pudesse ter amor um pelos outros, por isso eu te peço, se puder me arrumar aí...

O Protagonista apalpa os bolsos da calça, retira a sua carteira e a coloca na palma da mão do Mendigo.

PROTAGONISTA
Você quer isso aqui né? Compre uma arma!

O Protagonista dá às costas e caminha em direção às areias desertas da praia.

SEQUÊNCIA 05

CENA 07 - PRAIA; EXT. DIA

O Protagonista vira-se de costas como quem dá um salto abrupto, e olha assustado como quem vê a morte. Caminha e se perde em meio a um deserto de areia, olha para os lados, em sua face há o mesmo espanto. Borbulhas de águas submersas se agitam, o mar está pacífico, uma pipa plana o céu, um homem caminha sobre a água, o Mendigo se agacha ao lado de uma pedra, o Protagonista encara o Mendigo diante de seu assassinato, um pé esmaga um pão, o Protagonista permanece à caminho do mar, e o Banhista, fora de sequência, se reverte de seu quase afogamento, volta também ao mar.

PROTAGONISTA (OFF)
Quem sabe tudo é pesadelo, o sentimento do pavor e da asfixia. Não é palma do demônio, mas o inconsciente desistindo de atravessar o deserto cotidiano, tentando extinguir-se no oásis do sonho. Mas quando acordam é só alívio. Não há necessidade de reconhecer a índole humana, acordarei e verei cordeiros de sangue em direção a um monte prometido de um delírio! Ainda que ache um batimento inadequado, logo, seria bom que estivessem certos, que o mundo é peça camuflada pelos gritos, que a vida é protagonizada por figurantes, e tudo isso não fosse mais que sombra, que qualquer hora, o céu irá se abrir como uma janela. E uma voz calma dirá que a minha ideia de morte não existe. Que ninguém parte para um nunca. Mas que tudo é apenas um turismo! Uma excursão à esquina do eterno. Minha dor seria posta no mais alto ponto, e o mar varreria cada crânio triste, para que a consciência miserável nunca venha à tona. Eu poderia então fazer um coro com os cordeiros, ir em direção ao monte e nunca mais encarar os meus fantasmas. Eu teria uma vida mais plena, mais vida que a vida! Eu teria. Mas que desta vida nunca se extraia a falha fundamental.

CENA 08 - BEIRA DA PRAIA; EXT. DIA

O Protagonista chega à beira da praia e se ajoelha dentre as ondas. Ergue o rosto aos céus e com um olhar de contemplação e revolta solta um grito.

PROTAGONISTA
E você?! Hein? Vai ficar no alto da sua indiferença? Não vai responder a ninguém? Vai deixar apagar os rostos? Vai me matar? E comigo vai tudo que tem aqui dentro? É isso? Só? Como ousas fazer com que eu exista pra depois me embaçar a história? Me abandonar a carcaça? É

(MORE)

PROTAGONISTA (cont'd)
isso então? Este é o pó em que eu piso?

SEQUÊNCIA 06

CENA 09 - BEIRA DA PRAIA; IMAGENS DE ARQUIVO

Uma enorme pedra imersa na areia, signo de uma consciência brutal, é atingida por uma onda agitada.

PROTAGONISTA (OFF)
Quando consumada se aparenta a trajetória, o dito é o de morrer daqui a pouco. Antes ter fugido para o mar e encontrado a música como a eternidade.

CENA 10 - BEIRA DA PRAIA; EXT. DIA

O Protagonista é apunhalado nas costas pelo Mendigo. É o momento em que ele cai no chão e sente as costas sangrar. O Mendigo com a faca na mão assiste o sofrimento. Do outro lado da praia, de pé, está o Protagonista. Observa com espanto a sua própria morte. O Protagonista retira do bolso outro cigarro, acende-o com as mãos tremendo e caminha ao encontro do Mendigo. Caído na areia, o Protagonista agoniza. O que está em pé caminha no deserto e depois se aproxima da cena de assassinato. O Mendigo ergue a cabeça para que possa olhar-lhe no olho, e o Protagonista por fim se vê diante de um não-acontecido, diante de um delírio.

PROTAGONISTA (OFF)
Saliente horizonte de satisfações insatisfatórias, estáveis confortos de vidas desconfortáveis, verdades de uma herança abolida, chegou o tempo em que não se diz mais nada. Busca-se o sentido. A outra pele é o sentido desta pele, consumir os grãos da terra é o sentido desse estômago, mas não se ignora o desta consciência, ainda que confira à vida um valor que de nada serve, afinal de contas, no término de tudo é este deixar de ser, isto. Sempre resta uma inútil verdade. Olhar a própria vida e ver se algo mudou é o motivo de se estar aqui. Logo, não se é mais do que areia.

(MORE)

PROTAGONISTA (OFF) (cont'd)
Uma unidade de carbono. O mundo material à volta, todas as coisas, não são nada além de possíveis movimentos de consciência. A aposta nos movimentos é para tentar acertar a verdadeira experiência. A saber que no centro dos valores situa-se um amor a miséria. Porque o amor resiste apenas onde há sofrimento. Por isso jaz esta consciência suspeita que desconhece esse mar e esse amor como peças solutas da vida, ou ressarcis da morte, mas os sabe como uma onda, uma forte o bastante, a que nos desenraize destas pisadas na areia!

Areias de perto se dissolvem como fosse água, e uma montanha de longe se desmorona simplesmente.

CRÉDITOS FINAIS.